

23/06/2001 - 04h28

Gary Hill volta a São Paulo em setembro para o 13* Videobrasil

FABIO CYPRIANO
da Folha de S.Paulo

O videoartista Gary Hill chega ao Brasil em setembro para participar do 13* Videobrasil. Além do equipamento técnico, traz na bagagem também uma prancha de surfe. "Mal posso esperar para mergulhar nas águas brasileiras", conta a Folha, numa entrevista feita pela internet. Aos 50 anos, Hill diz que "quer cada vez mais aproveitar a vida".

O artista vem com sua mulher, a cantora sueca Pauline Wallenberg-Olsson, com quem faz uma performance durante o festival. Ela é a sua atual musa.

Reconhecido como um dos artistas mais importantes de sua geração, junto com Bill Viola e Nam June Paik, Hill é um dos popstars da videoarte, apesar de não gostar do termo. Leia a seguir o porquê.

Folha - Quais obras você vai trazer ao Brasil?

Gary Hill - Eu vou mostrar três instalações: "Remarks on Color", "Remembering Paralinguay" e "Wall Piece". Todas, em formas diversas, estão centradas na voz e na comunicação. Irei fazer também uma performance em conjunto com Pauline Wallenberg-Olsson intitulada "Black Performance". O trabalho incorpora voz, vídeos ao vivo e gravado, efeitos sonoros e uma iluminação com efeitos especiais. Acho que nós quase não somos vistos, só nossas sombras e projeções que realizam a performance de fato. Ela é o resultado do balanço entre presença e ausência.

Folha - Em geral, seus trabalhos possuem um ritmo desacelerado, bastante diferente de "Wall Piece", exposto em Veneza, uma obra bastante violenta...

Hill - Eu tendo a crer que meus trabalhos são bastante perturbadores, independentemente do ritmo. Claro que "Wall Piece" é muito mais forte, mas apenas quando alguém permanece na sala de exibição por um tempo e ouve o texto falado que terá oportunidade de desfrutá-lo de fato.

Folha - A videoarte se tornou uma moda entre jovens artistas, não é?

Hill - É incrível quanta "videoarte" (pessoalmente não suporto esse termo) estava na Bienal de Veneza este ano. E, na verdade, a maioria deles deixa muito a desejar. Parece que existe uma tendência em mostrar trabalhos com a supremacia da imagem em movimento, como se isso legitimasse qualquer trabalho. Infelizmente, a produção é, em geral, muita narrativa sem graça e trabalhos sem nenhum desafio.

Folha - Sua relação com tecnologia é uma forma de tratar de questões humanas e não de celebrar a própria tecnologia. Estamos perdendo o contato com os outros?

Hill - Estamos chegando a uma espécie de estágio, no qual o corpo e o mundo "analógico" estão sendo desafiados por diversas frentes, incluindo clonagem, experiências genéticas, realidade virtual, inteligência artificial etc.

Contudo, quando a maior parte de nós é forçada a se tocar, seja um leve toque ou um empurrão, gostamos do contato físico, ele faz parte da natureza humana. Eu duvido muito que a sinestesia dos sentidos vai um dia chegar a ser reproduzida digitalmente.

Folha - Você assiste televisão? Isso contribui em seu trabalho?

Hill - Em geral, vejo à noite algum seriado para relaxar. A TV não contribui em meu trabalho, exceto quando faço algo como reação a ela. Por exemplo, o número de imagens e a velocidade com que se tornam forma na televisão poderiam ter a ver com minha tentativa de desorganizar as imagens e mudar a relação das pessoas com o tempo.